



Sociedade das Ciências Antigas

QUARESMA, SEMANA SANTA E PÁSCOA

Dentro das festividades do mundo Cristão existe uma época que é de vital importância para o Iniciado, esta época vai desde o Carnaval até a Páscoa.

Damos a seguir a definição destas festas, para que cada um possa adotar em seu interior uma postura condizente com o momento que está vivendo de tal forma que a sua alma possa viver esta época de reconhecimento, de coagular energias, tendo somente uma vida interior em comunicação com o Cristo, para logo ressurgir com a Gloriosa Ressurreição de Nosso Senhor.

Todo iniciado deve aprender a conhecer e respeitar os ciclos da natureza, tanto da sua natureza interior como das outras naturezas.

CARNAVAL

Carnaval : do italiano, carnevale. Também chamado de folguedo, tríduo de momo ou Folia.

Chamado de entrudo pelos portugueses, consistia em lançar sobre os participantes de blocos carnavalescos água, farinha, tinta, etc. Adquiriu entre nós brasileiros, a idéia de momento de devassidão e da liberação reprimida durante o ano. Muitos pensam que é o tempo que precede a cólera de Deus e por isso se apressam em fazer tudo que gostariam antes de aplacar sua ira divina com as cinzas do dia seguinte. Alguns procuram ligar esta festa popular às antigas festas greco-romanas, também conhecidas como festas dionisíacas.

"Carnaval significa "festa da carne" e era, em seus primórdios, uma festa religiosa. Às vésperas da Quaresma, diante da perspectiva de passar quarenta dias em abstinência de carne, os cristãos fartavam-se de assados e frituras entre o domingo e a "terça-feira gorda". Na quarta, revestiam-se de cinzas, evocando que do pó viemos e para o pó retornaremos, e ingressavam no período em que a Igreja celebra a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. A Quarta-feira de Cinzas instiga-nos a refletir sobre esta experiência inelutável: a morte."

QUARTA FEIRA DE CINZAS

A preparação é chamada de Estação Penitencial da Quaresma e começa (normalmente) na metade de Fevereiro com a quarta feira de cinzas. A palavra quaresma tem origem no Inglês Antigo "lengthen" no sentido de "período inicial", mas se refere mesmo, desde a antigüidade, ao período de 40 dias que precede a Páscoa verdadeiro período de início. No princípio, os povos que freqüentemente tinham falta de comida no fim do inverno, antes do degelo da primavera permitir o surgimento de alimentos frescos, a prática do jejum com certeza tinha uma base na necessidade. O tom sombrio do ciclo da quaresma chama nossa atenção para a necessidade da purificação interior, prática da qual quase todos podem se beneficiar. Esta limpeza com a benção das cinzas, marcadas no sinal da cruz feito na frente dos membros da igreja. As cinzas são um símbolo externo da natureza temporal do mundo criado. O sacerdote entoas as palavras: "Lembre-se, oh Alma, que o corpo é pó e ao pó deve voltar". É como se o Cristo viesse à nossa frente e nos dissesse que parte de nós é duradoura e qual é mortal. A estação da quaresma é uma época de preparação pela purificação para que o Ser Superior habite nosso ser, certamente a Divindade deve habitar num lugar limpo, no purificado coração humano. Na Natureza humana há sempre um lugar negro de culpa, vergonha ou algum outro sentimento inferior que impede a pessoa de sentir a alegria e o amor disponível. A

Quaresma pode ser relacionada com um dispositivo terapêutico para libertar o indivíduo, sistematicamente, da baixa estima. Se isto for empreendido com seriedade o indivíduo chegará à Semana Santa com uma visão profundamente diferente de sua própria relação com o Cristo.

Na tradição Romana havia uma grande ênfase no pecado e no conceito de humilhação. Hoje em dia isto é um objetivo pessoal; as particularidades dos erros passados de cada um não são tão importantes quanto é a purificação do coração que o torna pronto para uma compreensão mais elevada. Se concentrar no pecado realmente não ajuda ninguém, além de uma atitude ou comportamento mais gentil. Mas numa oração silenciosa e introspectiva, o homem pode receber os instrumentos para emergir do ser inferior, a fim de participar na redenção do mundo através do Cristo, nosso Senhor e Salvador.

CINZAS

Cinzas: são símbolo de penitência, de luto e da finitude da matéria passada pela prova de fogo.

Representam simultaneamente o pecado e a fragilidade humana (livro da Sabedoria 15,10; profeta Ezequiel 28,18; profeta Malaquias 3,21). Se cobrir de cinzas é sinal público de arrependimento e forma concreta de colocar-se à prova. É manifestação pública da consciência do pecado e sua abjuração (Judite 4, 11-15; Ezequiel 27, 30), na esperança do perdão misericordioso de Deus.

Nos primeiros séculos do cristianismo os membros da Igreja que tivessem cometido pecados gravíssimos, motivo de grande escândalo, estavam sujeitos à uma penitência pública, que podia durar semanas ou mesmo anos, segundo a gravidade da culpa. Vinham estes descalços até a Catedral, no primeiro dia da quaresma. O bispo da cidade depois de exortá-los ao arrependimento dos pecados, os cobria com um cilício, pequena túnica com cinto ou cordão, de material áspero ou grosseiro, trazido diretamente sobre a pele e atirava-lhes uma porção de cinzas na cabeça dizendo ao mesmo tempo: "Lembra-te, ó humano, que és pó e que a pó serás reduzido". Eram jogados então fora da Igreja e não podiam mais entrar nesta enquanto não fosse cumprida a sua penitência.

No século XI, quiseram padres e leigos seguir esta prática de humilhação e penitência, reservada outrora aos pecadores públicos e notórios, e assim no Ocidente a partir do século XII o costume expandiu-se em todas as Igrejas quando os fiéis na Quarta-feira antes da Quadragésima iam receber cinzas em suas fronteiras. Hoje a fórmula permanece a mesma: "Lembra-te que és pó, e ao pó hás de voltar.(Gênesis 3,19)", ou diz-se o texto do Evangelho de Jesus segundo Marcos 1,15: "Convertei-vos e crede no Evangelho".

"Na Quarta-feira anterior ao primeiro Domingo da Quaresma, os cristãos, recebendo as cinzas, entram no tempo estabelecido para que suas vidas se purifiquem. Este sinal de penitência, que vêm da tradição bíblica e que o costume da Igreja conservou até hoje, manifesta a condição da humanidade pecadora, que confessa exteriormente sua falta diante do Senhor e exprime assim a vontade de uma conversão interior, conduzida pela esperança que o Senhor será para nós pleno de ternura. Este sinal marca o começo do caminho de conversão, que atingirá sua meta pela celebração do sacramento da Penitência nos dias que precedem a Páscoa".

QUARESMA

O SURGIMENTO DA QUARESMA

Cerca de duzentos anos após o nascimento de Cristo, os cristãos resolveram preparar a festa da Páscoa com três dias de oração, meditação e jejum. Entretanto, não bastava apenas preparar a festa. Era preciso prolongá-la para que todos pudessem participar e tirar dela o máximo proveito possível. Criou-se, então, um período especial de 50 dias (sete semanas), no qual os cristãos comemorariam a

Ressurreição de Cristo. Este período, conhecido atualmente como *Tempo Pascal*, começa no domingo de Páscoa e termina em Pentecostes, o dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, que estavam reunidos com Maria no Cenáculo. Durante os 50 dias de comemoração da Ressurreição de Jesus, rezava-se em pé, o jejum era proibido e eram administrados os batismos.

Por volta do ano 350 d. C., a Igreja decidiu aumentar o tempo de preparação para a Páscoa de três para quarenta dias. Isto aconteceu porque os cristãos perceberam que três dias eram insuficientes para que se pudesse preparar adequadamente a festa da Páscoa. Surgia, assim, a *Quaresma*.

O número quarenta é bastante significativo dentro das Sagradas Escrituras. O dilúvio teve a duração de quarenta dias e quarenta noites e foi a preparação para uma nova humanidade. Durante quarenta anos o povo hebreu caminhou pelo deserto rumo à terra prometida. Antes de receber o perdão de Deus, os habitantes da cidade de Nínive fizeram penitência por quarenta dias. O profeta Elias caminhou quarenta dias e quarenta noites para chegar à montanha de Deus. Preparando-se para cumprir sua missão entre os homens, Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites. Moisés fez o mesmo.

Os povos antigos atribuíam ao número quarenta diversos significados. Um deles tem importância especial para os cristãos: dimensionar períodos de preparação para acontecimentos marcantes na História da Salvação.

O QUE O CRISTÃO DEVE FAZER DURANTE A QUARESMA?

Não somente durante a *Quaresma*, mas em todos os dias de sua vida, o cristão deve *buscar o Reino de Deus*. É exatamente isso o que pede Jesus nos Evangelhos. Buscar o Reino de Deus significa lutar para que exista justiça, paz e amor em toda a humanidade; significa não fechar os olhos às crianças que morrem diariamente de fome, aos dez milhões de desempregados que há no mundo, às vítimas da falta de atendimento médico, da falta de moradia, da violência que mata, da educação precária e da corrupção presentes no cenário sócio-político-econômico de um país; significa preservar todas as formas de vida existentes no universo; significa, enfim, abandonar o egoísmo, o orgulho, os preconceitos, a ganância, a inveja e todos os sentimentos negativos para uma adesão incondicional à construção de uma sociedade justa e fraterna, reflexo autêntico do Reino anunciado por Cristo com sua vida, morte e Ressurreição. E para que esta adesão seja verdadeira, é preciso que o cristão mantenha-se em permanente sintonia com a vontade divina, *o que somente é possível através da reflexão, da oração, da meditação, da conversão livre e sincera à Palavra de Deus e da prática da caridade*, princípios fundamentais do cristianismo. Sem a observância destes princípios, jamais se conseguira estreitar as relações com Deus, melhorar o relacionamento com nossos irmãos e com a natureza e vivenciar uma religiosidade autêntica, caminho seguro para a construção e preservação da dignidade humana.

QUARESMA: DOS QUARENTA DIAS QUE PRECEDEM A FESTA MAIOR DOS CRISTÃOS, A PÁSCOA

Até o século VII, a quaresma começava no Domingo da Quadragésima (quadragésima dies, o quadragésimo dia - que na realidade era o quadragésimo segundo dia - antes da Páscoa). Tendo em conta os domingos, durante os quais o jejum era interrompido, o número de dias até a Páscoa efetivamente era inferior a quarenta, e para continuar fiel ao simbolismo do número 40 (quarenta anos no deserto, 40 dias de jejum de Cristo) antecipou-se o começo da quaresma para a Quarta-feira precedente ao Domingo da Quadragésima: dia das Cinzas.

Na Igreja primitiva era a última etapa da preparação do batismo para os catecúmenos, que seria administrado na noite de Páscoa. Nestes quarenta dias a Igreja incentivava a prática do jejum, da solidariedade com os pobres (chamada antigamente de esmola) e da oração. É como que um tempo especial de Retiro espiritual. É tempo de voltar para Deus, de reaquecer a fé e de mudança de vida e

superação das atitudes patológicas. Muitos ainda hoje se absterem das carnes vermelhas, mas olvidam-se de praticar a caridade, a oração e a meditação. Já lembrava S. Leão Magno: "é inútil tirar ao corpo a comida, se não tira da alma o pecado."

A intuição central da Quaresma é a mudança de atitudes e práticas favorecendo a solidariedade e a fraternidade.

O MISTÉRIO LITÚRGICO

Antigamente, a Quaresma era o período durante o qual, através da penitência e da provação, os catecúmenos se preparavam para receber o batismo na noite da Páscoa. Entrando no Tempo quaresmal, a liturgia convida a renovar e a reavivar na alma as promessas do nosso batismo.

Unidos a Jesus, que toma o caminho do deserto para aí ser tentado, entramos na grande provação da Quaresma, com a intenção de optar sempre pela vontade do Pai, em todas as circunstâncias. Contemplando a face de Jesus transfigurado, encontramos nele a força para passar através dos sofrimentos e dificuldades da vida, até o dia em que poderemos vê-lo na glória do Pai, realização definitiva da aliança e das promessas. Nascidos para a vida de filhos de Deus, em virtude da água viva do batismo e da graça do Cristo, procuramos purificar cada vez mais o culto filial em espírito e verdade e o oferecemos ao Pai em união com o culto espiritual e perfeito do Cristo. Iluminados pela fé recebida no batismo, esforçamo-nos por viver como filhos da luz é vencer as trevas que estão em nós e no mundo, fazendo a verdade em Cristo, luz do mundo.

Ressuscitados com Jesus, por obra do Espírito vivificador derramado em nós no batismo, alimentamos e aperfeiçoamos com os sacramentos nossa união a Jesus: e com ele vamos para o Pai, animados pelo sopro do Espírito Santo.

Celebrar a eucaristia no tempo da Quaresma significa: *percorrer com Cristo o itinerário da provação* que cabe a todos os homens; *assumir mais decididamente a obediência filial* ao Pai, e o *dom de si* as demais almas, que constituem o sacrifício espiritual.

Assim, *renovando os compromissos do batismo* na noite pascal, poderemos aspirar à vida nova de Jesus ressuscitado, para a glória do Pai, na unidade do Espírito Santo.

PARA A CELEBRAÇÃO

1. Tempo da Quaresma se estende da Quarta-feira de cinzas até a missa "na Ceia do Senhor" exclusiva. Esta missa vespertina dá início, nos livros litúrgicos, ao Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor, que tem seu cume na Vigília pascal e termina com as Vésperas do Domingo da Ressurreição. A semana que precede a Páscoa toma o nome de Semana Santa; começa com o Domingo de Ramos.

2. Os *domingos* desse tempo se chamam 1º, 2º, 3º, 4º e 5º domingo da Quaresma. O 6º domingo toma o nome de "Domingo de Ramos da Paixão". Esses domingos têm sempre a precedência, mesmo sobre as festas do Senhor e sobre qualquer solenidade.

3. As solenidades de São José, esposo de Nossa Senhora (19 de março) e da Anunciação do Senhor (25 de março) - como outras possíveis solenidades dos Calendários particulares - antecipam sua celebração para o sábado, caso coincidam com esses domingos.

4. A liturgia da Quarta-feira de cinzas abre o Tempo da Quaresma. Não se dizem o Glória e o Creio na missa. Não é necessário que o rito da bênção e imposição das cinzas seja unido à missa; pode ser celebrado sem a missa. Neste caso, é oportuno antepor ao rito uma Liturgia da Palavra, como na

missa, com o canto de entrada, a oração e as leituras com os cânticos correspondentes; segue-se a homilia, depois a bênção e a imposição das cinzas. Termina-se com a oração dos fiéis. Os textos para essa celebração são tomados da liturgia da Quarta-feira de cinzas.

5. Nos domingos da Quaresma não se canta o hino Glória; faz-se, porém, sempre a profissão de fé, Creio. Depois da segunda leitura não se canta o Aleluia; o versículo antes do evangelho é acompanhado de uma aclamação a Cristo Senhor. Omite-se o Aleluia também nos outros cantos da missa.

6. As missas dominicais do Tempo da Quaresma têm prefácio próprio. O prefácio do tempo, que está no Ordinário da Missa, com duas fórmulas à escolha, se utiliza nos domingos 3º, 4º e 5º do ano B e C, a menos que tenham sido escolhidas as leituras do ano A.

7. Para a celebração da Eucaristia, os domingos da Quaresma têm um formulário próprio (Missal) com um ciclo de leituras (Lecionário) distribuído em três anos (A, B, C); por causa dessa estrutura, o material para a reflexão e a celebração foi disposto conforme a ordem: ano A, B, C, exceto para o Domingo de Ramos, como está esclarecido acima, no n. 2. Nos domingos 3º, 4º, e 5º da Quaresma podem-se também utilizar as leituras do ano A, leituras que na tradição deram o nome a esses domingos (domingos da samaritana, do cego de nascença, de Lázaro), nos quais ainda hoje podem-se fazer os "escrutínios" para a iniciação cristã dos adultos; por isso têm um caráter batismal.

8. A cor litúrgica do Tempo da Quaresma é a roxo; para o 4º domingo (*Lietare*) é permitido o uso da cor rosa. No Domingo de Ramos, a cor das vestes litúrgicas do celebrante é a vermelha.

A FINALIZAÇÃO DA QUARESMA

O quarto domingo da Quaresma é chamado de Domingo rosa ou de repouso, e é celebrado com vestimentas rosas ou vermelhas. Isto pretende amenizar a austeridade do trabalho de purificação com “novas luzes sobre nossos caminhos”. Isto é dizer para a alma que aspira à Gnoses que a tarefa é difícil, mas tem também alguns momentos prazerosos.

DOMINGO DA PAIXÃO - 5º DOMINGO DA QUARESMA

O Quinto Domingo da Quaresma intensifica o drama do sacrifício de Cristo. Através de seu amor somos atraídos para a participação e identificação com a figura do mistério. A imagem da Cruz brilha diante de nós e somos chamados a contemplar o seu mistério:

Oh, árvore da vida, com suas raízes plantadas na terra e seus frutos preciosos no céu. “O Logos ou Princípio Crístico é a viga vertical, a natureza do homem é aquilo que a cruza; o prego no meio da cruz é a conversão do homem. Um instrumento de tortura se revela como um troféu da salvação, e assim a cena está pronta para a compreensão Gnóstica do grande e sagrado drama da Semana Santa”.

SÍMBOLOS DA QUARESMA

O DESERTO

Geograficamente falando, é um lugar desabitado, árido, caracterizado por pouca vegetação e pela falta de água. É o lugar onde acontece o jejum, considerado como abandono e solidão exterior e interior, para levar a união com Deus.

Os textos bíblicos em que se fundamenta esta afirmação são os dos quarenta dias de Moisés sem comer e sem beber na montanha do Sinai para receber a Lei (Ex 24,12-18;34) e os quarenta dias de

Elias (1Rs 19,3-8). Elias vive a dureza do deserto reconfortado pela comida e bebida misteriosa, e volta ao seu caminho superando a decadência dos israelitas nos quarenta anos de marcha para a terra prometida. Trata-se, em todos os casos, de homens marcados por uma visão de Deus no final do dito caminho. Estas narrações nos ajudam a entender o sentido dos quarenta dias de deserto de Cristo (1º Domingo da Quaresma), vivido como experiência da tentação e encontro com o Pai, mas, também, como preparação para o seu ministério público.

Para a Bíblia, o deserto é, também, uma época de oração intensa. É o lugar do sofrimento e da reflexão.

De fato, o jejum de Moisés contrasta com a caminhada dos quarenta anos no deserto por parte do povo. Os quarenta dias de Moisés são a restauração de um caminho de fidelidade que o povo não pode andar, assim como os de Cristo são a prova que o Espírito Santo permitia ao tentador (Mt 4,1).

O deserto é o espaço e o tempo da união com Deus. Por isso Oséias (Os 2,16-17) o propõe como o lugar propício para captar sua mensagem espiritual, igualmente como faz a Igreja com seus filios na Quaresma.

Muitas vezes em nossa vida cotidiana resistimos a estes espaços de silêncio e solidão porque temos medo de encontrarmos conosco mesmos e com Deus e descobrir que estamos distantes de seu projeto para nós. Por isso, o “deserto” requer a coragem dos humildes, dos que não têm medo de voltar a recomeçar.

OS QUARENTA DIAS

A organização quaresmal é um tempo simbólico que tem sua raízes no Antigo e Novo Testamento. Os quarenta dias de Moisés e de Elias ou os quarenta anos do Povo eleito no deserto não são referências secundárias. A tradição judaico-cristã tem percebido neste número uma determinada significância. Provavelmente a idéia mais antiga seja a referencia aos anos de deserto vistos como um tempo associado ao castigo de Deus (cf. Nm 14,34; Gn 7,4. 12. 17; Ex 4,6; 29, 11-13).

No Deuteronômio aparece uma interpretação dos quarenta anos como o tempo da prova a que Deus submete ao povo (Dt 2,7; 8,2-4). São os dias do crescimento da fé, segundo o Salmo 94,10. Para os Atos dos Apóstolos o número quarenta continua sendo simbólico. Lucas divide a vida de Moisés em três períodos de quarenta anos (At 7,23 e 7,30); fazendo referência aos quarenta anos do reinado de Saul (At 13,21); e aos quarenta dias da Ascensão (At 1,3).

Estes quarenta dias poderiam, então, ser considerados como esse “hoje” do qual fala a Carta aos Hebreus ao referir-se ao Salmo 94, como esse “tempo propício” para escutar a voz de Deus e não endurecer o coração.

Com efeito, nossa relação com Deus necessita não só de um “espaço” adequado (o deserto como lugar de silêncio), mas também de um “tempo” oportuno e concreto, “suficiente” para escutar, através de nossa consciência, sua voz de Pai que corrige e consola.

O JEJUM

Juntamente com o deserto e com a oração, o jejum parece ser uma das meditações privilegiadas de todo o tempo quaresmal, de revisão de vida e de busca sincera de Deus. Por isso, como vimos ao falarmos do deserto, eles geralmente estão unidos. Todos os que se retiram ao deserto para encontrar-se com Deus, jejuam.

Os profetas Joel e Isaías nos indicam o verdadeiro sentido desta antiga prática penitencial: “... voltai para mim de todo o coração, fazendo jejuns, chorando e batendo no peito! Rasgai vossos corações, não as roupas! Voltai para o Senhor vosso Deus...” (Joel 2,12-13). “Acaso o jejum que eu prefiro não será isto: acabar com a injustiça qual corrente que se arrebenta; acabar com a opressão qual canga que se solta; deixar livres os oprimidos, acabar com toda espécie de imposição? Não será repartir tua comida com quem tem fome? Hospedar na tua casa os pobres sem destino? Vestir roupa naquele que encontras nu e jamais tentar te esconder do pobre teu irmão?” (Is 58,6-7).

Iluminados por estas palavras compreendemos porque, com o tempo, o jejum como abstinência de comida tem dado lugar ao jejum como símbolo e expressão de uma renúncia a tudo aquilo que nos impede de realizar em nós o projeto de Deus, convidando-nos a transformá-lo em um gesto de solidariedade efetiva com os que passam necessidade.

Naturalmente, seria mais fácil limitarmo-nos a “cumprir” com o jejum de alimentos, mas necessitamos descobrir estes “outros” jejunos como meio adequado para modificar aquilo que mais nos custa. Talvez se trate de falar menos, de fazer menos gastos supérfluos, de perder menos tempo na frente do televisor para dedicar-se a alguém que necessita de nossa assistência, etc.

Por esta razão o jejum tem que estar unido a esmola, ao gesto caritativo, que é também uma ação preferencial da Quaresma, segundo a tradição Cristã. Se jejuarmos somente para sofrer ou demonstrar que somos fortes, estaríamos desvirtuando sua verdadeira finalidade.

SEMANA SANTA

SEMANA SANTA: A GRANDE SEMANA LITÚRGICA DO CALENDÁRIO CRISTÃO.

Começa com o Domingo de Ramos, quando se benzem ramos de oliveira ou ramos de palmeiras, e se lê o texto evangélico da entrada solene de Jesus em Jerusalém. Este ramo bento colocado em uma cruz em cada lar ou sobre alguma tumba no cemitério, quer simbolizar a força da vida e a esperança da ressurreição. A Igreja neste dia convida os fiéis a contemplar os padecimentos do Cristo em seu caminho para o calvário.

Na Quinta-feira santa se celebra a Ceia do Senhor, ou seja, a instituição da missa com a tradicional cerimônia do Lava-pés. Há ao final da missa a cerimônia da adoração do Santíssimo Sacramento, com o tradicional canto em latim *Tantum Ergo*, ou *Pange Língua*.

Na Sexta-feira Santa ou Sexta-feira Maior, não se celebra missa ou qualquer sacramento. É dia de silêncio, recolhimento e de comungar as hóstias consagradas na noite da Quinta-feira. Lê-se o relato da paixão e se fazem as procissões da Via-Sacra ou Caminho da Cruz, com suas quinze estações. Faz-se também as grandes preces da Igreja pelo mundo, a adoração da cruz, que nasceu em Jerusalém e foi absorvida em Roma no século VII, e ao final da cerimônia oferece-se a comunhão eucarística.

A última noite da Semana é a chamada Vigília Pascal ou Sábado de Aleluia, normalmente celebrada na noite ou madrugada do Domingo de Páscoa. Esta festa é móvel e se celebra no primeiro Domingo depois da lua cheia do outono. Ao meio-dia deste sábado costuma-se "malhar o Judas", ou seja, bater e queimar um boneco de pano representando a traição de Judas Iscariotes que vendeu seu mestre aos algozes.

DOMINGO DE RAMOS - INÍCIO DA SEMANA SANTA

A Semana Santa tem início com o Domingo de Ramos e o discurso do triunfo temporário da Luz antes da sua ocultação. O ramo de palmeira é um antigo símbolo de realeza, e o movimento da

palmeira é uma saudação ao rei. Aspiramos a reconhecer o Logos soberano quando ele adentrar a cidade de nosso ser e permanecermos fiéis a ele. O fato histórico nos diz que quando Jesus entrou em Jerusalém, os poderosos já estavam planejando sua morte. Assim a má situação de nosso Salvador, nos lembra que a honra do mundo realmente não vale nada. Num dia o mundo clama “Hoshana”, no outro grita “Matem-no”; este exemplo deveria nos mostrar que as maiores conquistas não estão no mundo da matéria, ou seja, na política, na economia ou na sociedade. Ao contrário, deveríamos nos concentrar nos mundos interiores, onde nossa supremacia pode crescer ao mais alto grau, o Cristo interno pode governar toda a natureza.

QUINTA - FEIRA SANTA

A “Quinta-feira da Ordenação desenvolve o evento de Jesus o Cristo, nos dando o sacramento da Eucaristia. Primeiramente o Salvador lava os pés dos discípulos, mostrando que aqueles que aspiravam à Deus precisam servir os outros, a fim de Conquistá-lo. O mesmo fazem os bispos ou sacerdotes, lavam os pés das pessoas neste dia. É desta forma que Jesus se revela como o Eterno Sacerdote Supremo num mistério, e isto podemos observar no curso da Eucaristia logo após a consagração. Na custódia (objeto de ouro ou prata em que se expõe a hóstia consagrada) ou na cruz **flamejante**, a igreja mantém uma hóstia consagrada ao serviço da Graça Divina, a Adoração do Corpo de Deus. Durante a missa da Quinta - Feira Santa, a Hóstia é renovada para o próximo ano, sendo que a velha é consumida. Agora, aprofundamos nossa compreensão sobre o que se entende por “Corpo e Sangue do Logos”. A reverência e adoração são sentimentos impopulares numa cultura secular, mas essenciais para nosso acesso aos mistérios. Aqui Jesus diz estas santas palavras, “Eu sou o pão da Vida, Sou o pão vivo que veio do céu; aquele que come deste Pão terá a vida eterna”. Jesus não se referia, é claro, ao canibalismo.

SEXTA - FEIRA SANTA

A Sexta feira Santa é a maior das festas de toda tradição católica e há muitos níveis de compreendê-la. A tradição antiga declara que de Getsemani Jesus é entregue nas mãos dos Romanos e, embora não pudessem encontrar nele nenhuma falta, O crucificaram e ali acabou morrendo. Todos os discípulos ficaram confusos e o mundo é lançado nas trevas. Contudo, a Tradição ensina que João, o discípulo bem - amado, dirigiu-se a uma montanha próxima para contemplar o que havia ocorrido. Jesus apareceu diante dele numa luz radiante e sorriu diante da sinistra cena abaixo deles. Então, Jesus revelou a João a plenitude de seu mistério. Jesus disse aos discípulos para dançarem, dizendo: “Aquele que não dança, não sabe nada do que está ocorrendo”.

SÁBADO SANTO

Este é o período entre a crucificação e a ressurreição. Na Idade média os clérigos e monges da igreja apresentavam uma dramatização sagrada chamada “Cada Homem”; um deles era “A angústia do Inferno”. Nesta peça, Jesus desce aos Infernos, confronta Satã e o domina. Então a Luz do Salvador toca todas as almas resgatadas, Ele quebra os portões dos infernos, conduzindo-as todas a Luz, rumo ao reino superior. É muito útil participar destas peças no Sábado Santo.

Neste dia é realizada a cerimônia da Benção do Fogo. O santuário da Igreja fica totalmente escuro significando a descida do Salvador, nas regiões de trevas. Um fogo é aceso fora da Igreja sendo abençoado com Incenso. A seguir, a luz do fogo, em três velas, uma cruz, um sacerdote e um diácono dirigem-se ao santuário, simbolizando o retorno da Luz. As luzes da Igreja são novamente acessas com uma vela tríplice, incluindo a vela Pascal. Este ato pode reforçar, visualmente, a experiência de Cristo como a Luz do Mundo.

DOMINGO DE PÁScoa

Páscoa, do latim paschalis, deriva da palavra hebraica Pessah, passagem.

Com este nome designamos a festa judaica da saída do povo do Egito conduzido por Moisés, celebrada anualmente na primeira lua cheia depois do outono, no hemisfério sul, com a ceia pascal e o cordeiro imolado, ervas e pão ázimo.

Simboliza também a festa cristã da Ressurreição de Jesus de Nazaré no ano 30 da era cristã, celebrada cada ano durante o tríduo pascal, da Quinta-feira ao Domingo da Semana Santa, sempre no Domingo após a lua cheia depois do início do outono no hemisfério sul, com a Festa Eucarística Solene durante a chamada Vigília Pascal, com inúmeras leituras bíblicas, celebração do fogo novo, velas e Círio Pascal, água e batismo de adultos, pão consagrado na missa solene e o canto do Hino em latim "Exultet".

A ressurreição do Logos no amanhecer do Ser é um momento eterno, e de certa forma sempre ocorre. Com a preparação de nossa vida interior através da dramatização da Quaresma e Semana Santa, temos uma perspectiva muito melhor para compreendê-las. A figura histórica de Jesus de Nazaré de 2000 anos é um símbolo da qualidade do ser potencial dentro do coração humano; a tradição Cristã trabalha para trazer esta qualidade do ser para a consciência individual. Ao descermos em nosso próprio inferno, resgatando os flashes de consciência perdidos e presos nas profundezas do nosso ser, poderemos cumprir a grande tarefa de nos redimir da inconsciência; não ousemos ter o arrogante pensamento de que podemos alcançar tal realização por nós mesmos. Ao contrário, isto é feito num mistério e o Logos é o exemplo, por excelência, dos meios e objetivos da Grande Obra.

FIM